

Pode uma cidade-fantasma ter gente, festa, patrimônio?  
Interstícios entre (sobre)viver e resistir em contextos de conflito  
socioambiental

Luana Carla Martins Campos Akinruli<sup>1</sup>

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Minas

[luanacampos@insod.org](mailto:luanacampos@insod.org)

Samuel Ayobami Akinruli<sup>2</sup>

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas

[ayobami@insod.org](mailto:ayobami@insod.org)

### Resumo

O crescimento exponencial dos interesses minerários em Miguel Burnier, distrito do município de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil) está sintonizado a um contexto de ampliação minerária experienciado no politicamente chamado de “Quadrilátero Ferrífero-Aquífero” e que reflete a expansão das fronteiras da indústria extrativa mineral no Brasil o que também é evidente na América Latina. Como os impactos socioambientais decorrentes desse contexto são experienciados pela comunidade? Quais lutas e resistências são travadas no embate pelo direito a existir? Estas são algumas questões propostas nesse ensaio fotográfico resultado de pesquisas etnográficas realizadas a partir do ano de 2013, que demonstra os processos de litígios relacionados aos direitos fundamentais

1 Realiza residência de pós-doutorado no Departamento de História (UFMG). Doutora em Antropologia com ênfase em Arqueologia (UFMG). Mestra em História Social da Cultura (UFMG). Licenciada em História (UFMG). Coordenadora de Projetos e Pesquisas do Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural (INSOD).

2 Doutorando em Ciência da Informação (UFMG), realizou estágio doutoral no GRIPIC/CELSA Sorbonne Université (França). Mestre em Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica (UFMG). Especialista em SIG – Geoprocessamento e Modelagem Ambiental (UFMG). Bacharel em Economia (UFMG e LASU). Diretor de Gestão da Inovação do Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural (INSOD).

da comunidade, como as prerrogativas legais sobre seu território e sua memória. Neste estudo de caso, o patrimônio cultural expôs tanto os procedimentos bastante seletivos do ato de lembrar e esquecer, quanto as dinâmicas dos usos sociais do patrimônio em suas imbricadas relações entre a defesa de identidades, territórios e memórias.

**Palavras-chave:** Conflito Socioambiental; Patrimônio; Memória; Território; Identidade.

### **Abstract**

The exponential growth of mining interests in Miguel Burnier, a district of Ouro Preto municipality (Minas Gerais, Brazil) is attuned to a context of mining expansion experienced in the so-called Quadrilátero Ferrífero-Aquífero thereby reflecting the expansion of the boundaries of the mineral extraction industry in Brasil just as evidences in Latin America. Thus, how are the socio-environmental impact, resulting from this context, experienced by the community? What struggles and resistances are encountered in the struggle for the right to exist? These are some of the questions proposed in this photographic essay resulting from ethnographic research conducted since the year 2013, which demonstrates the litigation processes related to the fundamental rights of the community, such as the legal prerogatives over its territory and its memory. In this case study, cultural heritage exposed both the rather selective procedures of the act of remembering and forgetting, and the dynamics of the social uses of heritage in the imbricated relations between the defense of identities, territories and memories.

**Keywords:** Socio-environmental Conflict; Heritage; Memory; Territory; Identity.

### **Primeiro Ato: narrando dissensos**

Aqui é uma cidade-fantasma? A ideia de morte da comunidade assombra a vida dos seus moradores, marca um tempo rejeitado na cronologia inimaginável. Amedronta o porvir que sinaliza a destruição de um território, de comunidades. Imprime um horizonte de remoções forçadas, deslocamentos de populações, perdas das referências materiais e simbólicas. Indica para o pesquisador as contradições do ser humano que ao mesmo tempo em que manifesta o compromisso de manter seus vínculos identitários com a coletividade, é incorporado à lógica de um liberalismo sem limites que o coopta pela necessidade do emprego, pela sedução de promessas de melhoria da sua vida individual.

Estamos em Miguel Burnier, um dos treze distritos de Ouro Preto, município do Estado de Minas Gerais, Brasil, que ocupa um território de 177,4 km<sup>2</sup>, ou seja, 17% da área total de Ouro Preto. E do território de Miguel Burnier, apenas 3,4% da superfície do

distrito ainda não possui interesse mineral, ou seja, 6 km<sup>2</sup> dispersos em áreas de proteção ambiental e em sua sede urbana. O distrito que territorialmente é o maior do município de Ouro Preto e o mais distante geograficamente da sede, também está na frente em arrecadação: cerca de 43% dos impostos municipais advêm apenas do distrito de Miguel Burnier e, fundamentalmente, da mineração (Akinruli 2017).

Vivemos uma situação de conflito socioambiental, cuja presença do termo social à particularidade do meio ambiente ressalta um cenário no qual os grupos sociais são ameaçados na manutenção de seus modos de ser, viver e existir no mundo (Little 2001; Acselrad 2014). O crescimento exponencial dos interesses minerários em Miguel Burnier está sintonizado a um contexto de ampliação minerária experienciado no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero e que reflete a expansão das fronteiras da indústria extrativa mineral na América Latina, em grande medida pressionado pela balança comercial brasileira dependente dos commodities do minério de ferro e, portanto, vulnerável às suas voláteis variações de preço no mercado internacional. E as violências reais e simbólicas manifestadas em formas de coerção baseadas em acordos conscientes e inconscientes entre aqueles que a sofrem e aqueles que a exercem (Bourdieu 2014) são sentidas de forma exponencial na comunidade.

A pesquisa em tela se iniciou no ano de 2013, resultando na tese de doutorado (Akinruli 2018) e na monografia de especialização (Akinruli 2017) que intentaram vislumbrar realidades sobre como as relações entre identidade e território possuem um envolvimento muito específico com o patrimônio cultural local. As imagens aqui apresentadas representam o percurso de pesquisa que mobilizou cruzamento metodológico de campos disciplinares fronteiriços, como da Antropologia, História e Arqueologia, aliado a ferramentas do geoprocessamento no intuito de registrar o confronto entre as referências de memória da comunidade em sua territorialidade em contraposição àquelas traçadas pelos empreendedores e governantes.

A tentativa de construção de uma imagem de Miguel Burnier como cidade fantasma criada por empreendedores e gestores públicos, mas reforçada pelo discurso acadêmico (Bechler & Pereira 2014; Campos 2012; Crespo 2015; Santos 2016) ecoa e gera reflexões, jogos de imagens que reverberam sobre a imagem dessa comunidade, o que é feito para usos políticos muitos estratégicos e até mesmo perversos. Há uma consonância de vozes que tenta reforçar a imagem de aniquilamento do lugar, de arruinamento das estruturas sociais, de abandono de uma noção de coletividade.

Ao afirmar que o local “está praticamente abandonado”, em grande medida, uma visibilidade dedicada à infraestrutura urbana é priorizada em oposição às experiências

de vida, biografias de luta e resistência da comunidade. O que impacta diretamente nas vozes dissonantes que atuam na articulação de desagregação social que existe em Burnier. Os interlocutores dessas narrativas estão situados como agenciadores de uma determinada memória social sobre o lugar que imputa às desqualificações sobre o direito à autodeterminação dos povos, ou seja, o direito de as coletividades decidirem pelo destino de seus territórios, bem como da construção e afirmação de sua própria identidade, o que assume uma voz ressonante na comunidade de Miguel Burnier no panorama atual.

Mas há vozes representantes dos dissensos, como foi confidenciado certa vez por uma moradora de Miguel Burnier em uma situação da Festa do Rosário e, portanto, de encontro de ternos, “se a cidade é fantasma, óia o tanto de assombração que tá nas ruas! Você já viu tanta assombração assim junta?”. O tom de indignação e deboche foi deflagrado ao nos puxar para dentro de sua sala de estar, longe dos olhares dos outros moradores. A interlocução era sempre um movimento pendular: ir e vir, escutar e falar. Todos sabiam que o que se falava poderia ser determinante para a construção da narrativa desejável por alguns e perigosa para outros. Nesse caso, é muito consciente, por parte dos próprios nativos, o poder da informação que eles concedem ao pesquisador.

O risco da perda do espaço vital e da vida da comunidade escapa aos entendimentos dos diversos licenciamentos ambientais que em ritmo acelerado são liberados pelos órgãos ambientais. Em grande parte, são notórios os subdimensionamentos dos impactos causados por um *modus operandi* que atua em consonância com uma produção técnica – e mesmo acadêmica – que negligencia a complexidade da realidade de pesquisa em função de determinados interesses. E manter o silêncio e construir determinadas narrativas de pacificação é muito relevante para a estabilidade dos negócios e das ações do mercado internacional.

A leitura desse espaço torna contraditória a preservação dos bens culturais em um contexto de ampliação dos interesses minerários e de acirramento dos antagonismos sociais. A desqualificação das referências culturais locais, seja em estudos técnicos de licenciamento ambiental e na escuta não sensível da comunidade em pesquisas de campo, seja ainda na obliteração de seu pensamento, promove diversas maneiras de apaziguamento e silenciamentos da importância desse lugar para a memória e história local, regional e nacional, bem como na relação da comunidade com o que lhe pertence.

Essa contradição latente influencia diretamente as formas de conhecimento, interpretação, apropriação, divulgação e proteção do patrimônio e, em última instância, da própria comunidade que se apropria da proteção legal dos bens culturais tombados para o direito à permanência em seu território. A abordagem do patrimônio cultural é



uma das formas de resistência da comunidade frente às discussões sobre o pertencimento e a identidade local, haja vista que subsidia uma discussão profunda e contraditória na comunidade, na qual dois grupos antagônicos disputam sobre o direito de permanecer ou abandonar o distrito de Miguel Burnier, influenciados pela supervalorização dos interesses minerais no local.

### **Um drama de muitos atos – Epílogo Etnográfico**

Pode-se pensar, em sentido figurado, que Miguel Burnier é uma grande mãe e, assim, é a partir dela que a manutenção da vida acontece. Miguel Burnier é aquele(a) que vive para que os outros possam também viver, em seu corpo-território se estabelece o palco do drama.

Miguel Burnier possui muitas identidades, que são controversas em si e manejadas de acordo com a situação ou a conveniência de quem está no poder para decidir. A construção do “nós”, essa categoria pronominal enfatizada pela ideia de coletividade, é decorrente dos conflitos em torno da apropriação e ressignificação do território e, portanto, de sua história, que conduziram a uma espécie de emergência da alteridade no panorama atual de Miguel Burnier.

Nesse contexto, a atividade da memória, individual e coletiva, criada e recriada sucessivamente, intensifica-se e ganha relevo, dando contínuos tons ao passado sob as lentes do presente. A produção da localidade se concretiza, assim, por meio da construção de um novo sentido para o território agora transformado em lugar: espaço preenchido pela memória e pela história, capaz de congrega e unir coletividades as quais reconhecem naquele espaço um lugar em comum. Os diferentes entendimentos sobre a identidade comunal também podem ser usados para desagregar, destruir, desmoronar o senso de coletividade (Gupta & Ferguson 2000).

Para além, mas também inserida nela, existe, em um primeiro olhar, a lógica de dois polos opostos – o da comunidade que luta pela manutenção da coletividade em seu território de uso compartilhado e referendado por sua história em comum *versus* os empreendedores (públicos e privados) que agem sob uma ótica do mercado e que entendem o território como propriedade e, portanto, como mercadoria, um bem de troca que possui sua valorização monetária.

Contudo, existem ainda outras racionalidades em confronto, internamente à comunidade de Miguel Burnier: há aqueles integrantes que resguardam o seu território como o lugar do patrimônio familiar e comunitário, definido pela memória coletiva e materializada pelas referências culturais; mas há também aqueles que por meio de ações

de quebra da estrutura social, desmobilizam e fragmentam a coletividade, de forma a tornar opaca e esfacelada a rede de sociabilidades local. É uma luta por representação sobre o direito de ser e falar pela coletividade, em nome da comunidade. São dissensos sobre o simples direito de existência que ainda se desenrolam no panorama atual.

Há uma quebra de cumplicidade entre a noção de comunidade, de modo que o patrimônio cultural, as manifestações culturais, a cultura local se inserem nessa dinâmica controversa de construção de narrativas sobre o lugar: o que se lembra, o que se esquece, o que se registra. As múltiplas temporalidades do que se identifica enquanto patrimônio cultural e, incluindo os bens arqueológicos, dialogam e estão em contraste de forma cabal com as variáveis configurações do território: as ressignificações dos sujeitos, de suas histórias, de suas memórias e de seu patrimônio são canceladas por estas referências materiais e imateriais, expressados nas imagens a seguir. E, se há um processo deliberado pela destruição dos marcos memorialísticos, seja pelos empreendedores da mineração, pelas consultorias responsáveis pelos estudos de viabilidade ambiental, funcionários públicos municipais e mesmo por um setor da comunidade, tem-se aí um uma situação crítica no que diz respeito aos regimes memoriais dos contextos de conflitos socioambientais. Uma odisseia crônica baseada em uma retórica da perda que acaba se materializando também nas experiências coletivas.

## Referências

ACSELRAD, Henri. 2014. "Disputas cognitivas e exercício da capacidade crítica: o caso dos conflitos ambientais no Brasil". *Sociologias* 16(35): 84-105.

AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. 2018. *A desconstrução do esquecimento em contexto de conflito ambiental: arqueologia e etnografia da comunidade de Miguel Burnier, Ouro Preto, Minas Gerais*. Tese de Doutorado. PPGAN, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-BCDH4A>.

AKINRULI, Samuel Ayobami. 2017. *Geoprocessamento para a análise das dinâmicas geoespaciais e temporais do patrimônio cultural do distrito de Miguel Burnier, Ouro Preto, Minas Gerais*. Monografia de Especialização. IGC, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/IGCM-AX9MUT>.

BECHLER, Rosiane Ribeiro; PEREIRA, Júnia Sales. 2014. "Ouro Preto de todos os tempos: sentidos e efeitos do patrimônio na condição histórica da cidade. *Revista História Hoje* 3(6): 67-90.

BOURDIEU, Pierre. 2014. *Sobre o Estado – Cursos no Collège de France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras.

CAMPOS, Fernando Rogério de Lima. 2012. *Miguel Burnier: o lugar em fragmentação*.

Monografia de Graduação. IGC, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CRESPO, Jeanne Cristina Menezes. 2015. *Das “Minas” e suas Serras: narrativas de construção das paisagens da mineração no Quadrilátero Ferrífero (MG)*. Tese de Doutorado.

NPGAU, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AMLMBF>.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. 2000. “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”. In: Antônio Augusto Arantes (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus. pp.30-49.

LITTLE, Paul E. 2001. “Os conflitos socioambientais: um campo de estudo e de ação política”. In: Marcel Bursztyn (org.). *A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais*. Rio de Janeiro: Geramond. pp.117-134.

SANTOS, Andreza Aruska de Souza. 2016. *Perceiving and Participating in Cultural Heritage: an Ethnography about the Process of Preservation of Ouro Preto, Brazil*. Tese de Doutorado. University of St. Andrews.

Recebido em 23 de abril de 2020.

Aceito em 24 de abril de 2021.

**Figura 1:** Sem fim: mares de minas, vestígios de minerações, palimpsestos de memórias, 2017.







**Figura 2:** Missa com o Bispo, igreja cheia como há tempos não se via, 2017.



**Figura 3:** Casa cheia do Rosário, 2017.





**Figura 4:** Existir ou (re)existir é questão de perspectiva, 2017.





**Figura 5:** Aqui jaz uma Festa do Cruzeiro, 2017.



**Figura 6:** Tática de terra arrasada: casa do administrador na Vila Wigg, 2017.

**Figura 7:** Lutas e festas: narrando dissensos, 2017.



**Figura 8:** Arde o 4º Arraiá do Projeto Estação Cultura, 2017.



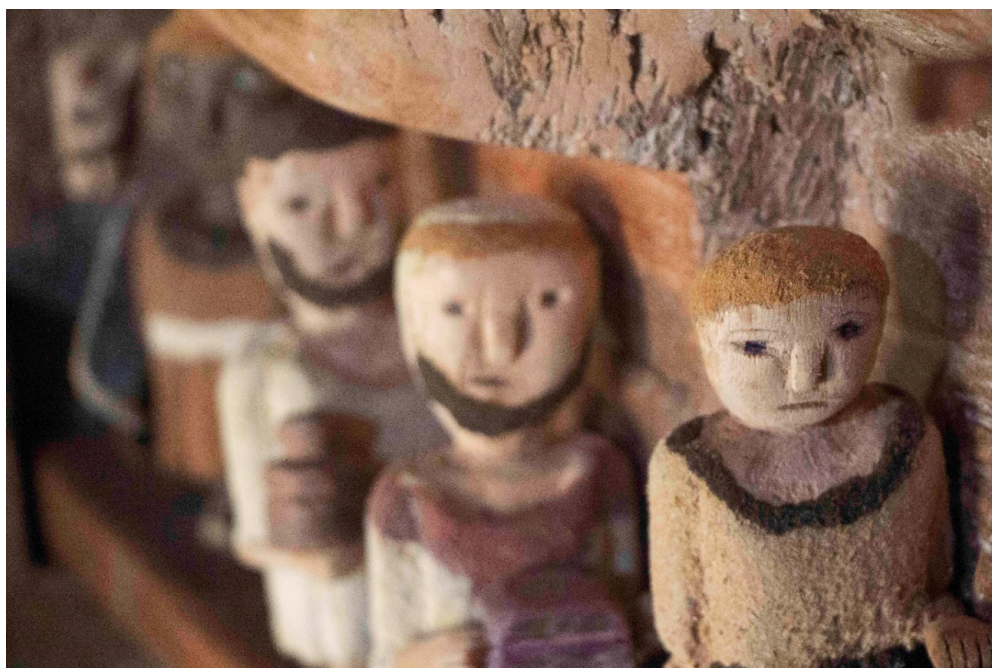


**Figura 9:** Congado de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário no caminho da Estrada Real, 2017.





**Figura 10:** Intimidade para os irmãos de fé: Festa do Sagrado Coração, 2018.



**Figura 11:** Vida talhada pelas mãos de Antônio de Jesus de Lima: detalhe do presépio premiado no 13º Concurso de Presépios da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), 2019.





**Figura 12:** Unidade de Tratamento de Minérios I vis-à-vis ao cemitério da comunidade: auspícios de cidade-fantasma e de morte da comunidade? 2018.





**Figura 13:** Fé: pedra de toque da resiliência e da resistência coletiva, 2017.



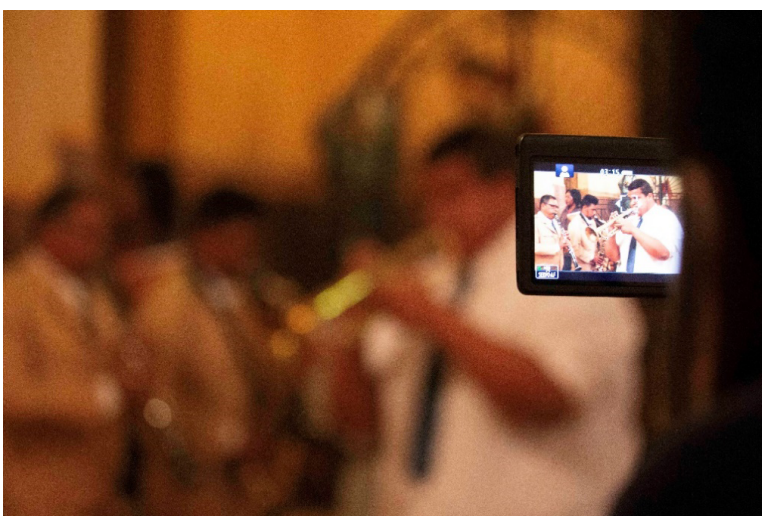
**Figura 14:** Interstícios entre (sobre)viver e resistir ou uma andorinha só não faz verão, 2019.



**Figura 15:** Territórios afetados: muros da Associação Comunitária, 2018.

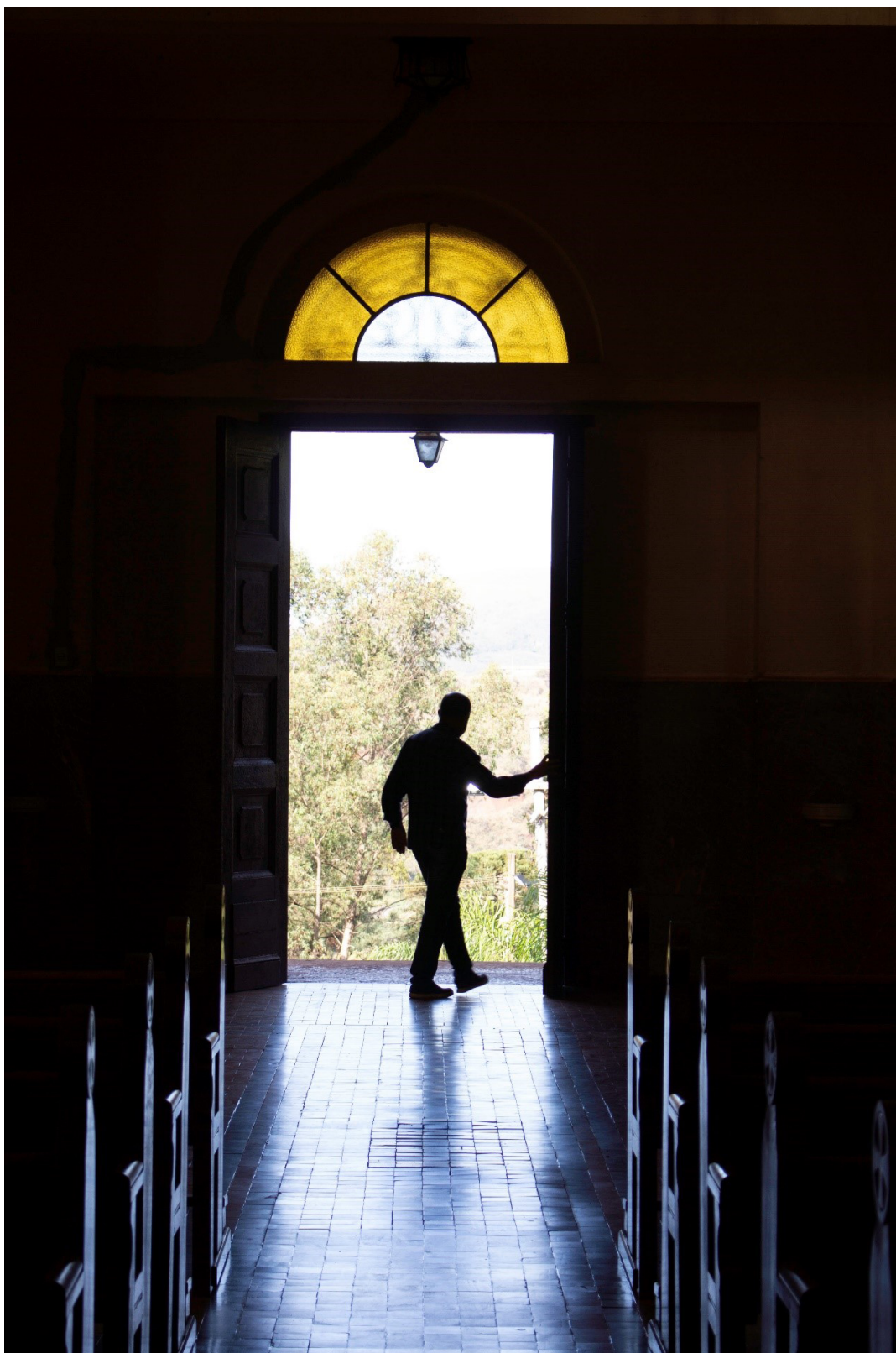


**Figura 16:** Nos passos da esperança: tradição da Festa Junina na Escola Municipal, 2017.



**Figura 17:** Em tela: Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus e Maria, 2017.





**Figura 18:** Na memória, herança dos velhos: para abrir caminhos e refutar a amnésia, 2019.